

## A última fase de surgimento de *A Gaia Ciência*\*

Jörg Salaquarda\*\*

**Resumo:** Através de uma análise do processo de correção feito por Nietzsche e Heinrich Köselitz (Peter Gast) nas brochuras de prova de *A Gaia Ciência*, este artigo esclarece alguns importantes traços do estilo literário de Nietzsche e relaciona-os a perspectivas filosóficas essenciais deste livro.

**Palavras-chave:** ciência – literatura – estilo – mestre/discípulo

Nos efetivos Nietzsche dos Arquivos Goethe-Schiller em Weimar, sob a sigla K 7, encontram-se conservadas 19 brochuras<sup>(1)</sup> de prova tipográfica e outras 8 páginas impressas para *A Gaia Ciência* (doravante *GC*). Eles contêm uma pletera de correções manuscritas, em grande parte provenientes de Nietzsche, em menor parte de Gast. As correções vão de meras retificações de erros de impressão até reformulações e adendos de grande envergadura<sup>(2)</sup>. Elas permitem uma visão penetrante na última fase de surgimento desse escrito. Em particular, elas explicitam seu caráter de transição. Nele Nietzsche leva a termo seu projeto de Ilustração, iniciado com *Humano, Demasiado Humano* (*HH*), e já antecipa, tanto estilística quanto tematicamente, traços de *Assim falou Zaratustra* (*Za*).

Meus subseqüentes comentários das brochuras de prova tipográfica prestam-se, sobretudo, à explicitação dessas posições estilísticas e tematicamente intermediárias de *GC*. Início com algumas indicações

---

\* Tradução de Barbara Salaquarda (Viena) e Oswaldo Giacoia Junior (IFCH/UNICAMP).

\*\* Professor da Universidade de Viena.

concernentes ao surgimento desse escrito (1), descrevo, em seguida, as brochuras de prova tipográfica (2) e esboço o curso presumível do processo de correção (3). Introduzo a análise valorativa do conteúdo, por meio de uma visão de conjunto dos tipos mais importantes de correção que se encontram nas brochuras (4). Em conclusão, explico, em alguns exemplos centrais, a tendência principal das alterações efetuadas por Nietzsche, por assim dizer no último minuto (5).

### 1. *Acerca do surgimento de GC*

Para compreender melhor as correções, antecipo algumas informações sobre o pano de fundo biográfico e filosófico de *GC*<sup>(3)</sup>. Quando Nietzsche encetou o trabalho nesse escrito, ele o planejava como um prosseguimento de *Aurora* (*A*). Ainda antes que essa obra fosse publicada no final de junho de 1881, ele já trabalhava numa segunda parte, que deveria consistir igualmente de cinco livros. Eles deveriam se vincular tematicamente aos cinco já então publicados, ser dedicados, portanto, ao problema da *moral*.

Em agosto de 1881 esse plano foi alterado pela experiência do pensamento do eterno retorno. Em sua próxima publicação, Nietzsche não pôde e não quis prescindir desse novo *insight* que tão profundamente o ocupava. Porém, não tinha claro para si, nessa ocasião, que implicações ele tinha e qual o melhor modo de comunicá-lo ao público. Na base do trabalho subsequente, jazia um plano modificado: para o prosseguimento e encerramento da problemática da *moral*, por ele empreendida em *A*, Nietzsche previa então apenas os livros 1-3, que deveriam consistir também no coroado encerramento de sua “filosofia dos espíritos livres”. De acordo com esse plano, ele quis desenvolver o pensamento do eterno retorno nos livros 4 e 5 e explicitar sua significação e função para um pensar futuro.

Em janeiro de 1882, após haver concluído os livros 1-3, Nietzsche deixou de lado provisoriamente o manuscrito. De acordo com seu próprio depoimento, ele não se sentia “ainda suficientemente maduro para

os pensamentos elementares” que ele queria tratar nos livros 4 e 5. Em alusão ao pensamento do eterno retorno, diz-se então textualmente: “Aí se encontra um pensamento que, em verdade, carece de ‘milênios’ para se tornar alguma coisa. De onde tomo coragem para pronunciar-lo!” (a Gast, 29.1.1882). Nietzsche passou as semanas seguintes juntamente com Rée em Gênova e, em seguida, empreendeu uma viagem pela Itália. Ainda que continuasse a tomar apontamentos para os planejados livros 4 e 5, contudo, não levou adiante a publicação do novo escrito.

Em abril/início de maio de 1882, o encontro com Lou Salomé deu ensejo a Nietzsche para uma outra alteração de seus planos. Ele acreditou ter encontrado na extraordinária jovem senhora a discípula e herdeira espiritual longamente anelada. Para dispô-la favoravelmente a esse papel, ele quis pôr-lhe à mão um resumo escrito do mais recente desenvolvimento de seu pensamento. Como isso devia ocorrer rapidamente, ele utilizou o material já existente para o novo projeto, tentando, porém, dar a ele, no conjunto, uma orientação mais pronunciada em relação à sua nova tendência. Já por meio do título *A Gaia Ciência*, com o subtítulo *la gaya scienza* ele afastava o escrito, mais claramente do que até então pretendia, em relação a A. Para os livros 1-3, tomou no essencial as versões já prontas desde o final de janeiro. Das anotações para os livros 4 e 5, ele eliminou quase todas as alusões *ao pensamento do eterno retorno*, de cuja apresentação ele ainda não se julgava capaz, menos ainda em tão breve tempo<sup>(4)</sup>. Nessa concepção, dos dois livros anteriormente planejados resultou apenas um, que se diferenciava dos três outros menos tematicamente – como o havia previsto o segundo plano – do que sobretudo na *disposição* fundamental subjacente. Dentre poemas que compusera em fevereiro e março, Nietzsche escolheu 63 e, sob o título *Gracejo, Astúcia e Vingança*, antepôs ao escrito essa coletânea, como um *Prelúdio em rima alemã*.

Com vistas ao ulterior desenvolvimento, esse *Prelúdio* e o quarto livro (*Sanctus Januarius*) deixam-se conceber como prenunciadores de *Za*. Já nesses textos, Nietzsche estava a caminho de uma forma muito pessoal de comunicação, figurando literariamente sua disposição fundamental. Nas cartas de acompanhamento para a remessa do escrito aos

amigos e conhecidos, ele destacava especialmente esse momento. Ao por ele venerado Jacob Burckhardt, ele solicitava: “eu gostaria especialmente que o senhor pudesse ler o *Sanctus Januarius* (livro IV) no contexto, para saber se ele, como um todo, *se comunica*. – E meus versos? –” (2/3.8.1882). Peter Gast, que havia lido também as correções, ele quase conjurava: “Faça algumas considerações (...) sobre o todo e a inteira disposição (*ganze Stimmung*): comunica-se ela efetivamente? Particularmente: *Sanctus Januarius* é, em geral, compreensível?” (20.8.1882).

Depois de sua viagem pela Itália, Nietzsche retirou-se para sua pátria no centro da Alemanha, para lá concluir o trabalho no manuscrito, ler as correções e aguardar a publicação do livro. Ele permaneceu em Naumburg da metade de maio até 24 de junho. Uma vez que, em consequência das dores de cabeça e nos olhos, era-lhe frequentemente penoso ler e falar, sua irmã ditava para uma terceira pessoa os textos escolhidos (por Nietzsche – NT) para o manuscrito destinado à impressão. Ele se assentava ao lado, efetuava correções onde necessário, ou ditava adendos. Para os próximos dois meses e pouco, recolheu-se ele, para repouso e leitura das correções, em Tautenburg, uma pequena localidade na floresta turingia. Nas últimas três semanas, fez-lhe companhia Lou Salomé. Final de junho/início de julho ele ainda estava ocupado com a conclusão do quarto livro, já tendo remetido de volta os livros 1-3 a seu editor Schmeitzner em Chemnitz (cf. a Schmeitzner, 19.6.1882). O livro 4, ele o anunciou ao editor por carta postal em 3.7.1882. A essa altura, já se houvera iniciado a composição tipográfica (*Drucksatz*)<sup>(5)</sup>, as três primeiras brochuras já tinham chegado a Nietzsche. As correções – e com isso a última fase de retoques – podiam começar.

## 2. As brochuras de prova tipográfica

O manuscrito para *GC* exigiu exatamente 16 brochuras de prova tipográfica, impressas até a última página (p. 256). Trata-se das brochuras usuais de oito folhas impressas dos dois lados, ou seja, 16 páginas.

O formato das páginas é 22 x 13 cm, a superfície da matriz de composição tipográfica 16,5 x 9,5 cm. A numeração das páginas começa com p. 1 (folha do título geral) e termina com p. 256 (final do aforismo 342). As páginas de títulos, as páginas em branco e as respectivas primeiras páginas do “Prelúdio” e dos quatro livros são consideradas na numeração, porém não ostentam número de página.

Dois exemplares das brochuras 1, 8 e 10 estão conservados no Goethe-Schiller-Archiv em Weimar. A isso se acrescentam ulteriores 8 páginas (p. 129-132 e 137-140) da brochura 9. No conjunto, o material consiste, portanto, em  $16 \times 16 + 3 \times 16 + 8 = 312$  páginas.

Das 256 páginas do exemplar completo, 242 páginas contêm texto e 6 páginas contêm títulos. A isso se acrescentam 8 páginas em branco. Às 56 páginas dos exemplares em duplicata correspondem os seguintes números: 52 páginas de texto e duas páginas respectivamente para títulos e páginas em branco.

Os títulos se encontram sempre em páginas ímpares: o título geral na página 1, o título do “Prelúdio” *Gracejo, astúcia e vingança* na página 3, as indicações primeiro livro, segundo livro e terceiro livro nas páginas 21, 81 e 135, a indicação: quarto livro<sup>(6)</sup> com o título *Sanctus Januarius* na página 195<sup>(7)</sup>. As páginas pares seguintes às páginas de títulos 2, 4, 22, 82, 136 e 196 foram deixadas em branco. O “Prelúdio” e o segundo livro terminam em uma página ímpar; por isso, as páginas seguintes (20 e 134) são igualmente páginas em branco, para que, de acordo com o esquema, o próximo título (primeiro, ou quarto livro) venha a ocupar uma página ímpar.

As brochuras de prova tipográfica foram preparadas por encomenda do editor Schmeitzner pela tipografia Teubner em Leipzig. Esta guardou as brochuras, em baixo à esquerda nas respectivas primeiras páginas, com seu carimbo comercial, que também continha a data. De acordo com isso, as brochuras 1-3 foram concluídas em primeiro de julho de 1882, a brochura 4 em 3 de julho, as brochuras 5 e 6 em 4 de julho, a brochura 7 em 14 de julho, a brochura 13 em 26 de julho, a brochura 14 em 27 de julho, a brochura 15 em 29 de julho e a brochura 16 em 8 de agosto.<sup>(8)</sup>

Sobre as brochuras 1 (primeiro exemplar), 2 e 8 (primeiro exemplar) e 13-16, a tipografia consignou, nas respectivas primeiras páginas, em baixo à direita, Nietzsche em Tautenburg como destinatário.<sup>(9)</sup> Sem dúvida, essas brochuras foram diretamente remetidas a Nietzsche. Nelas se encontram, pois, apenas correções de seu próprio punho.

A maior parte das brochuras acusa traços de reelaboração mais ou menos extensa e inequívoca, efetuadas por Nietzsche, algumas poucas também, ou apenas traços de reelaboração por Gast. Trabalhados por Peter Gast são o primeiro exemplar da brochura 1, o exemplar completo da brochura 9 e o segundo exemplar da brochura 10.<sup>(10)</sup>

### *3. O processo de correção*

A partir da troca de correspondência de Nietzsche com seu editor Schmeitzner e com Gast, assim como de uma análise valorativa das brochuras de prova tipográfica, é possível inferir como poderia ter-se passado o processo de correção.

A tipografia remetia um exemplar de brochuras respectivamente a Nietzsche em Tautenburg e a Gast em Veneza. Ambos liam em seguida as correções, no que, segundo parece, praticavam uma certa divisão de trabalho. Nietzsche voltava sua principal atenção para os aperfeiçoamentos estilísticos, assim como para reelaborações e adendos. Gast era primacialmente responsável por erros de impressão ou erros de leitura dos tipógrafos, assim como pela uniformização da ortografia e pontuação. Todavia, ambos atentavam também, ao mesmo tempo, para o respectivo domínio do outro. Por vezes, Gast fazia propostas de alterações estilísticas e de conteúdo. Nietzsche se ocupava, por sua vez, em descobrir erros de impressão e decifração.

Tão logo Gast concluía o trabalho, ele remetia a Nietzsche as brochuras por ele mesmo corrigidas. Este comparava as retificações e propostas de seu auxiliar com as suas próprias e, por fim, as refundia conjuntamente em um exemplar.<sup>(11)</sup> Nesse processo, ele manifestamente efetuava, com frequência, correções suplementares. Não se pode infe-

rir, a partir das cartas conservadas, se, na preparação da versão destinada à impressão, ele se apegou a um esquema fixo. Alguns indícios apontam que ele, por razões pragmáticas, tinha por base, em regra, o exemplar de correção de Gast. Pois neste já se encontravam, bem legivelmente inscritas, as correções que, em todo caso, tinham que ser efetuadas.<sup>(12)</sup>

Depois do encerramento desse curso de trabalho, Nietzsche enviava de volta à gráfica Teubner o exemplar no qual havia refundido as correções. O outro exemplar, ele o conservava consigo. Manifestamente não se deu ele ao trabalho de, para fins de controle, transportar completamente as correções para esse segundo exemplar. Pois, mesmo levando em consideração as correções manuscritas, os textos encontráveis nas brochuras conservadas muitas vezes não concordam (ainda) literalmente com a versão impressa.

Em alguns casos, depois de ter reunido as correções, Nietzsche ainda não se dava por satisfeito com o resultado. Ele começava a retocar de novo as correções já efetuadas ou inseria outras. Para não confundir os tipógrafos e evitar novos erros na matriz de composição, ele transportava o resultado final para o outro exemplar à sua disposição e o remetia de novo à tipografia. Caso as alterações tivessem ultrapassado uma certa medida, Nietzsche poderia solicitar um exemplar de revisão.<sup>(13)</sup>

Eu resumo: Nietzsche tinha diante de si pelo menos dois exemplares de cada brochura, dos quais um continha as propostas de correção de Gast. Em alguns casos, ele provavelmente pode ter solicitado um terceiro exemplar, presumivelmente um exemplar de revisão. Os exemplares que, no conjunto do texto impresso e das correções manuscritas, continham o texto definitivo da *GC* (1a. edição), ele os enviava para a gráfica. Estes não foram conservados. Nas brochuras que permaneceram com ele, e por isso foram conservadas, encontram-se consignadas muitas, na maior parte não todas, das retificações que ele efetuou no transcurso do trabalho de correção. Inversamente, nelas se encontram algumas propostas de correção que ele, mais tarde, rejeitou de novo e que por isso não ingressaram na forma definitiva de *GC*. De algumas brochuras, foram conservados dois exemplares, que, em parte, acusam diferentes ou diversamente elaboradas alterações textuais. Se, a partir

dessas brochuras, preparássemos um exemplar de *GC*, este apenas em poucos poemas e aforismos concordaria em todos os pormenores com o texto dessa obra conhecido por nós. A maioria das partes indicaria desvios de maior ou menor envergadura. Com isso, as brochuras propiciam uma vista d'olhos tanto elucidativa quanto estimulante na oficina de trabalho do escritor Nietzsche, e ademais, na derradeira fase de seu trabalho.

#### 4. Tipos de correção

Uma parte considerável do trabalho se destinava, naturalmente, apenas à descoberta e eliminação de erros de impressão e decifração, assim como de ortografia e pontuação incorretas. Tais correções se prestavam simplesmente ao restabelecimento da figura do texto formulada pelo autor no manuscrito destinado à impressão ou a seu ajustamento às regras (então vigentes) da língua alemã. Uma parte igualmente considerável das correções visava melhorar o texto original, do ponto de vista estilístico. Nietzsche, sabe-se bem, era um escritor extremamente cuidadoso, que desde cedo se esforçara por um bom estilo em suas produções literárias. Para Lou Salomé, ele assim caracterizava a derradeira fase, aqui considerada, do surgimento de *GC*: “Estou agora ocupado com coisas muito sutis de linguagem; a última decisão sobre o texto obriga ao mais escrupuloso ‘ouvir’ de palavra e frase. Os escultores denominam esse último trabalho ‘*ad unguem*’ ” (27/28. 6. 1882). Poder-se-ia designar esse tipo como correção meramente formal, para distingui-la dos adendos e reelaborações de maior envergadura, com as quais Nietzsche alterou determinadas partes do texto, também quanto ao conteúdo objetivo (*inhaltlich-sachlich*). Em Nietzsche, contudo, esses dois aspectos se deixam, no melhor dos casos, apenas diferenciar um do outro, certamente não separar por completo. O próprio Nietzsche deu expressão a isso no conhecido epigrama, tornado proverbial: “Corrigir o estilo – isso significa corrigir o pensamento (...)!” (*WS/AS* 131). Todavia, na maioria dos casos, pode-se reconhecer uma tendência das

intervenções, que visa mais fortemente essa ou outra direção – aquela quase apenas formal, ou a predominantemente de conteúdo objetivo.

Na seqüência esclareço os ditos 4 tipos de correção algo mais precisamente e dou exemplos dos mesmos. Nas maiores reelaborações e adendos, mais relevantes também do ponto de vista objetivo, ingressei mais pormenorizadamente na quinta e conclusiva parte.

As correções mais simples e freqüentes se prestavam à eliminação de erros de grafia no manuscrito destinado à impressão ou de erros de impressão e decifração por parte dos tipógrafos. Isso era tarefa sobretudo de Gast. Ele era fisicamente mais apto que Nietzsche para suportar encargos, enxergava consideravelmente melhor e não sofria, como o outro, de constantes dores de cabeça. Decerto, os mais evidentes erros de impressão ou leitura também não escapavam a Nietzsche. Via de regra, porém, ele não os corrigia de imediato, mas simplesmente indicava, por meio de um traço na margem, que algo ali não estava em ordem no texto – e se fiava em Gast quanto ao mais. A se julgar pelas brochuras remanescentes, Gast parece ter, ao contrário, efetuado de imediato a correção completa.

Meros erros de impressão ou decifração dos tipógrafos são, por exemplo, “*Traube* (uvas)” por “*Taube* (pomba)” (GC 11, KSA 3, 355, l. 29; brochura 1, p. 7; corrigido no primeiro exemplar, no segundo marcado); “*Laudor*” por “*Landor*” (GC 92, KSA 3, 458, l. 17; brochura 8, p.114: corrigido apenas no segundo exemplar); “*Monlaing*” por “*Montaigne*” (GC 97, KSA 3, 452, l. 25; brochura 8, p. 118: também só corrigido no segundo exemplar); “*Formelles*” (formal) por “*Formvolles*” (rico em formas) (GC 109, KSA 3, 422, l. 22; brochura 9, p. 137: corrigido nos dois exemplares); “*feinsten*” (os mais sutis) por “*fernsten*” (os mais remotos) (GC 125, KSA, 3, 482, l. 1; brochura 10, p. 154: marcado nos dois exemplares), “*Gebel*” (oração) por “*Hebel*” (alavanca) (GC 131, KSA 3, 485, l. 8: um erro grave dos tipógrafos, corrigido nos dois exemplares da brochura 10, p. 158); “*Originaltät*” por “*Originalität*” (GC 261, KSA 3, 517, l. 22, brochura p. 192).

Um outro domínio pelo qual Gast se sentia primacialmente responsável era a unificação da ortografia e pontuação, não por derradeiro

pela grafia de maiúsculas e minúsculas. Gast dominava as regras de ortografia e pontuação melhor que seu mestre. As brochuras 9 e 10 indicam com evidência quão cuidadosa e conseqüentemente Gast procedia, por exemplo, no tocante às vírgulas. A esse respeito, freqüentemente ele corrigia não os tipógrafos, mas *Nietzsche!* Em alguns pontos ele corrigia muito conseqüentemente o emprego, por Nietzsche ou pelos tipógrafos, da ortografia mais recente em proveito da mais antiga, mas então vigente como correta.

Desse modo, ele alterava correntemente, por exemplo, “*dies*” (demonstrativo – NT) por “*diess*”, “*z*” em palavras estrangeiras como “*Sozialismus*” por “*c*” e minúsculas por maiúsculas no demonstrativo “*das*” (esse, este, isto, isso – NT), ou expressões numéricas empregadas substantivamente como “*einer*” (um – NT).

Encontrar a palavra mais acertada ou a melhor expressão era algo que falava ao coração de ambos os corretores. Para dar alguns exemplos: Nietzsche alterou o galicismo “*Indulgenz*” pelo mais conhecido “*Nachsicht*” (GC 283, KSA 3, 526, l. 21; brochura 23, p. 203), substituiu o prosaico “santificado” pelo mais plástico “canonizado” (GC 95, KSA 3, 449; l. 23, brochura 8, p. 115, do segundo exemplar), corrigiu “*selbst*” (próprio – NT) por “*selber*” (próprio – NT) (GC 201, KSA 3, 506, l. 6, brochura 12, p. 181) e associou a “*Zwang*” (coerção) o [termo – NT] de igual sonorização inicial “*Zauber*” (magia) (GC 334, KSA 3, 560; l. 3, brochura 16, p. 242).

Também Gast, no mesmo espírito de Nietzsche, se esforçava por correções dessa espécie. Seu papel não se limitava à leitura das correções em sentido restrito. Num olhar retrospectivo dirigido ao trabalho em comum com Gast na preparação de *HH*, Nietzsche caracterizou sua função nos termos seguintes: “(...) ele corrigia também, no fundo era ele o próprio escritor, enquanto eu era apenas o autor.” (*EH. HH. 5*). Isso não era mera *captatio benevolentiae*, mas se ajustava de todo ao que objetivamente se passava. Alguns exemplos podem atestar que analogamente se passava também nos trabalhos de correção de *GC*. Foi Gast quem propôs explicitar “aquele impulso” por “aquele impulso humano” (*GC 115*, KSA 3, 474, l. 22, brochura 10, p. 146, do segundo

exemplar), e grafar “tais juízos”, ao invés do genérico “julgar” (*GC* 110, KSA 3, 470, l. 27, brochura 9, p. 141). Sem dúvida, no sentido de Nietzsche foi a complementação de “força de seu germe” por “gênero e força de seu germe” (*GC* 106, KSA 3, 463, l. 32, brochura 9, p. 132). Também a transformação do singular “de modo que o expectador aí tem seu tormento ou sua comoção” no plural “de modo que os expectadores têm aí seu tormento ou sua comoção” (*GC* 105, KSA 3, 463, l. 4 s, brochura 9, p. 131) foi uma contribuição de Gast para a figura definitiva da *GC*.

As correções mais importantes quanto ao conteúdo objetivo ficaram reservadas a Nietzsche: a subtração ou acréscimo de aforismos inteiros, assim como consideráveis intervenções no corpo do texto. Nesse momento tardio, Nietzsche efetuou intervenções dessa envergadura quase exclusivamente em passagens estrategicamente importantes do texto, ou em aforismos nos quais ele havia exposto e discutido opiniões e “ensinamentos” para ele particularmente importantes nesse momento. Passagens estrategicamente importantes são sobretudo as partes conclusivas do livro 2 (reelaboração do aforismo 107), 3 (supressão do aforismo 168, inclusão de oito aforismos suplementares 168-175) e 4 (supressão do aforismo 335, intervenção no aforismo 341). Particularmente importante para Nietzsche eram os aforismos 2 (honestidade intelectual), 72 (gravidez física e espiritual), 86 (teatro e paixão), 99 (Schopenhauer e Wagner), 125<sup>(14)</sup> (a morte de Deus), 134 (influência da nutrição sobre a cosmovisão), 143 (utilidade do politeísmo para a filosofia dos espíritos livres), 285<sup>(15)</sup> (utilidade do ateísmo para a filosofia dos espíritos livres). Comentar pormenorizadamente todas, ou mesmo apenas as mais importantes correções, ultrapassaria os limites de uma conferência ou ensaio. Concentro-me em alguns poucos exemplos, nos quais, a meu juízo, tornam-se particularmente explícitas tendências típicas dessa derradeira fase de reelaboração.

### 5. Tendências da última fase de reelaboração

Quase todas as maiores alterações e suplementos que Nietzsche efetuou, por assim dizer, no “último minuto” visavam sublinhar o *caráter pessoal* do escrito e ressaltar sua *disposição pessoal* prenunciadora de *Za*. Tematicamente, a morte de Deus e sua significação para a moral assediava Nietzsche até o último momento do modo mais intenso. Em suas últimas correções e adendos, Nietzsche procurou figurar mais sedutora e urgentemente os apelos aos “indivíduos singulares” (*Einzelne*) e aos “senhores de si mesmos” (*Selbsteigene*) para a superação das “virtudes de rebanho”. O “Além-do-Homem”, que se reconhece em suas próprias valorações e avaliações, já adquiria contornos, embora Nietzsche empregue essa designação primeiramente no *Za*.

Com a carta de 20.08.1882, Nietzsche anunciou a Gast a remessa do livro recém publicado e indicou as alterações e adendos por ele desconhecidos, em particular as modificadas “conclusões dos livros segundo e terceiro” e a sua nova avaliação de Schopenhauer e Wagner: “também sobre *Schopenhauer* expressei-me de modo mais claro (talvez jamais retorne a ele e a Wagner, tive agora que firmar minha relação com minhas opiniões anteriores, pois afinal sou um *mestre* e tenho o dever de dizer onde permaneço *idêntico* a mim mesmo e onde me tornei um *outro*)”.

A modificação da parte final do terceiro livro é, de fato, bastante elucidativa. Num olhar retrospectivo (*EH*, “A Gaia Ciência”), Nietzsche via proferida aí, do modo mais inequívoco, a inversão da análise crítica em apresentação positiva de sua nova “doutrina” própria. Ele já tinha exibido um pressuposto central no originariamente penúltimo aforismo do livro terceiro (*GC* 267): nós teríamos que nos instituir uma grande meta, pois com isso nos sobreporíamos “à própria justiça, não apenas a seus próprios feitos e juizes”. Aí se encontra o desafio a não mais se importar com as “virtudes de rebanho”, porém a seguir cada um seu próprio caminho. Na versão original, Nietzsche não quis intensificar mais esse apelo a tornar-se-si-mesmo, mas proporcionar a suas leitoras e leitores uma pausa para reflexão. No então aforismo 268 (agora Frag-

mento V 16 [11]), originariamente pensado como encerramento do livro 3, ele antecipou a censura de que seus “novos ensinamentos” poderiam não “estar a gosto” de seus destinatários. Ele os aconselhava a tratá-los como um medicamento amargo, mas curativo, isso é, ingeri-los de pronto – então o efeito também não deixaria de ocorrer.

Se Nietzsche queria, pois, de início, preparar o efeito do quarto livro por meio de uma pausa para reflexão, na versão definitiva, bem pelo contrário, ele intensificou a tensão. Ele eliminou o até então aforismo 268 e inseriu em seu lugar oito curtas sentenças (aforismos 268-275). Acolheu nelas a tese do aforismo 267 e as condensou em apelos curtos, pessoais, colocados a modo de *stacato*. O novo aforismo 268 foi formulado, com efeito, como pergunta e resposta. No entanto, ele já exhibe claramente o caráter de uma indicação do mestre ao discípulo independente. O mestre Nietzsche define o heroísmo como a disposição a “acolher igualmente seu supremo sofrimento e sua suprema esperança”. O homem heróico não se deixa guiar, como o “escravo” indolente e timorato, por prazer e desprazer, isto é, do exterior, mas por suas mais autênticas tendências. Ele não teme declarar abertamente *sua* crença (269), *sua* moral (270, 273) e *sua* espécie de humanitarismo (274) e impô-los no confronto com outras posições. Como “Zaratustra” mais tarde, Nietzsche vê aqui os “*maiores perigos (...) na compaixão*” (271) e “*o selo da liberdade alcançada*” na capacidade de não mais se envergonhar de si mesmo (275), isto é, da exteriorização de suas avaliações. Em conjunto, os novos aforismos 268-275 apresentam, pois, curtos e téticos apelos para tornar-se-si-mesmo no sentido da convicção de que, depois da “morte de Deus”, “os pesos de todas as coisas têm que ser de novo determinados” (aforismo 269). Eles atuam sugestivamente e assim devem fazê-lo.

No aforismo 107, o último do segundo livro, Nietzsche resume a significação da arte para os homens “senhores de si mesmos”. Durante o trabalho de correção em Tautenburg, ele modificou consideravelmente esse texto. Mas ele se limitou, nesse caso, a supressões e adendos pormenorizados no *interior* do aforismo. A partir do início até “ajuda a desviar” (KSA 3, 464, l. 18) as duas versões são idênticas. A “consciên-

cia moral intelectual” nos ordenaria hoje enfaticamente a revelar inverdades e mentiras onde quer que as encontremos – sobretudo em religião, metafísica e moral. Na arte, porém, nos seria permitido repou-sar desse duro dever. Aqui a mentira é largamente permitida, porque ela se dá a conhecer *como* mentira. Na versão das brochuras de prova tipo-gráfica, Nietzsche retocou apenas muito pouco essa asserção. Em evo-cação de sua conhecida proposição do *Nascimento da Tragédia*, segun-do a qual a existência seria justificada apenas como fenômeno estético, formulou ele aqui: “Apenas como fenômeno estético a existência nos é ainda *suportável*. (destaque meu). E concluiu com a exortação a fazer bela a existência, que ele então voltou a empregar em outro contexto – “ver como o belo o necessário nas coisas” e, por meio disso, tornar as coisas belas – isto é, no início do livro 4 (aforismo 276).

Todavia, também essa conclusão, por fim, não satisfaz mais a Nietzsche. Na página 133 (brochura 9) se encontra o primeiro intento para uma ulterior reelaboração que mais inequivocamente se vinculava com a tese do livro sobre a tragédia. Ao suprimir o “apenas” do início da frase, que então passou a: “Como fenômeno estético a existência nos é ainda suportável”, a sentença se deixa compreender do modo seguin-te: para nós, espíritos livres, a existência como fenômeno estético não é, com efeito, justificada, porém, mesmo assim, ainda suportável. Entre essa frase e a exortação a fazer belo o mundo, Nietzsche quis além dis-so<sup>(16)</sup> inserir o seguinte adendo: “e, por meio da arte, é-nos dado olho e mão para fazer-nos mais belos também a nós mesmos”. Essas correções ou inserções ingressaram também na versão definitiva. Finalmente, Nietzsche enfeixou-as em cerca de uma página de texto suplementar, a que ele acrescentou os motivos da loucura e da sandice, da brincadeira e da soberba, que igualmente preconizam *Za*. Ademais, incluiu ele, pro-avelmente no mesmo curso de correção, o motivo da *loucura* também no aforismo 342, ao alterar aí (brochura 16, p. 256) “sabedoria”, como aí se dizia originalmente, por “loucura”, e do mesmo modo “pobreza” por “riqueza”. Ambos a ser entendidos no sentido de um tratamento soberanamente jocoso de avaliações e valorações vigentes.

Na versão impressa, o aforismo 107 termina com a frase: “E enquanto ainda, de algum modo, vos *envergonhais* de vós mesmos, ainda não pertenceis aos nossos!” Essa frase prepara o último aforismo do terceiro livro, que, na versão definitiva, se enuncia: “*O que é o selo da liberdade alcançada?* – Não se envergonhar de si mesmo”. É patente o caráter de apelo dessa asserção.

Na carta a Gast acima citada, Nietzsche se designa como um “mestre”. Esse papel de mestre, mais exatamente, de “mestre do eterno retorno”, ele o transferiu, logo em seguida, a seu filho *Zarathustra*. Essa função, na opinião dele, impõe a seu portador a obrigação de exprimir inequivocamente a “moral” pessoal – isto é, cada uma das próprias avaliações e valorações positivas e negativas – para que os potenciais “discípulos” saibam a que estão se entregando quando seguem um tal “mestre”. Os “discursos” de *Zarathustra* prestam-se largamente a esse propósito. Aqui, porém, temos a ver ainda com a *GC* e com o mestre *Nietzsche*. Tornando mestre por meio da experiência do *pensamento do eterno retorno*, tendo diante dos olhos, na pessoa de Lou Salomé, uma discípula potencial, ele se esforça até o fim para, em sua mais recente publicação, expor tão claramente quanto possível aquilo contra ou a favor do que ele se colocava. “Fórmula de nossa felicidade”, resumiu ele essa tendência anos depois, no início de *O Anticristo (AC)*, “um sim, um não, uma linha reta, uma meta...”. Os adendos e suplementos já mencionados deixam-se facilmente subsumir sob essa tendência.

Face a Gast, Nietzsche destacou um ulterior ponto de vista. Uma vez que ele já publicara uma série de livros, ele teria que dizer a seus “discípulos” potenciais em quais opiniões anteriormente expressas ele perseverava, quais teria modificado ou rejeitado. No *Prefácio* à sua tardia autobiografia, Nietzsche exprimiu esse “dever” sem tomar qualquer consideração. “Ouvi-me! Pois eu sou tal e tal. Sobretudo não me confundais!” Não foi por acaso que, em sua carta a Gast, Nietzsche mencionou particularmente *Schopenhauer* e *Wagner* nesse contexto. Na verdade, ele há tempo já havia trilhado caminhos próprios, porém os escritos nos quais tinha ressaltado sua proximidade em relação a ambos – sobretudo *NT*, *SE* e *WB* – eram mais difundidos e conhecidos do que

tudo o que ele escrevera depois, isto é, o inteiro projeto de “filosofia dos espíritos livres”. Desse projeto, Nietzsche concebia então *GC* como coroamento conclusivo e, ao mesmo tempo, superação. Portanto, ele tinha que, não por último, falar sobre *Schopenhauer* e *Wagner*, e ele tinha que fazê-lo tão claramente quanto possível. De ambos, pois, trata diferentemente o nosso escrito. A discussão pormenorizada se encontra no aforismo 99, em torno do final do segundo livro. Também esse aforismo Nietzsche alterou e retocou até o final.

O aforismo traz o título: “Os *partidários de Schopenhauer*” (destaque meu). A diferenciação entre o próprio filósofo e seus adeptos permite a Nietzsche destacar o que atraira a ele, isto é, o “rigoroso senso dos fatos de Schopenhauer, sua boa vontade, clareza e razão (...) a fortaleza de sua consciência moral-intelectual (...) sua lisura em coisas de igreja e do Cristianismo<sup>(17)</sup>. Ou suas imortais doutrinas da intelectualidade da intuição, da natureza instrumental do intelecto e da não-liberdade da vontade”. Tudo isso, podemos inferi-lo, o próprio Nietzsche, entrementes tornado “mestre”, o aprovava antes como depois. Todavia, ele o fazia inequivocamente, porque entrevira os traços problemáticos de Schopenhauer e os amputara de si: a metafísica da vontade, o caráter aparential da individualidade e do desenvolvimento, o culto do gênio, a ética da compaixão.

Agora, pois, (brochura 8, p. 120) Nietzsche adensou suas considerações sobre esses pontos, de início parcimoniosas, por meio de várias inserções. Na versão publicada, a passagem se tornou ainda mais pormenorizada. “Os excessos e vícios [...de um] filósofo” seriam “sempre aceitos primeiramente e transformados em coisa de fé”. Desse modo, os “partidários de Schopenhauer” teriam apreendido e desenvolvido ainda mais justamente essas tendências rejeitadas por Nietzsche. Isso valeria também para o “mais célebre dos schopenhauerianos vivos, Richard Wagner”. Com este Nietzsche selara um laço de amizade, há mais de uma década, sob o signo da comum veneração por Schopenhauer. Seus caminhos, assim podemos inferir, tinham que se separar novamente, porque Wagner se inclinava cada vez mais para determinados “excessos” do filósofo; Nietzsche, ao contrário, para o “rigoroso senso dos

fatos”. Também a caracterização do desenvolvimento de Wagner, Nietzsche retocou até o final. Se, de início, ele o deixara ser enganado “por discípulos de Hegel”, no curso das correções ele inseriu, para tanto, o próprio “Hegel” (brochura 8, p. 121). A passagem, mantida no geral: “Sim, Wagner seguiu seu mestre mesmo nos caminhos marginais, sim, para baixo, até nas idiossincrasias singulares de seu gosto”, ele a assinalou para correção numa folha adicional, que, porém, não foi conservada (*idem*). Na versão publicada, ingressa em seu lugar a seguinte formulação garrida: “E para isso o estimulou não apenas a inteira secreta pompa dessa filosofia, que teria estimulado também um Cagliostro: também os gestos singulares e afetos do filósofo foram sempre sedutores.”

Com a suposição de que *jamaiz novamente* iria retornar a Schopenhauer e Wagner, Nietzsche se enganou fundamentalmente. Ambos o ocuparam até o final, particularmente Wagner<sup>(18)</sup>. Contudo, no aforismo 99 de nosso escrito, ele formulou pela primeira vez a perspectiva decisiva, na qual ele perseverou desde então: as duas estrelas-guia de sua juventude teriam sido naturezas discrepantes. O que neles era grande e indicador de futuro, Nietzsche tê-lo-ia conservado e desenvolvido; seus erros e faltas, ele os teria superado.

**Abstract:** Through an analysis of the process of correction made by Nietzsche and Heinrich Köselitz (Peter Gast) in the proof-sheet for *The Gay Science*, this article clarifies some important traces of Nietzsche's literary style and relates them to essential philosophical views of this book.

**Key-words:** science – literature – style – master/disciple

## Notas

- (1) N. T: *Druckbogen*, no original. Trata-se do termo técnico para provas de impressão, consistentes em grandes folhas tipográficas impressas, de cuja dobradura e separação resultam oito folhas impressas na frente e no verso, correspondendo, portanto, no total a 16 páginas, ligadas sob a forma de brochura, na qual o autor empreende as correções e ajustes em relação ao manuscrito original. Dessa fase inicial de correção resulta uma versão tipográfica mais depurada, em alemão *Die Fahne*, que, novamente revista pelo autor, dá origem à matriz tipográfica para a impressão definitiva do texto. A composição material de um livro resulta finalmente da encadernação dessas brochuras. Tais esclarecimentos visam propiciar uma imagem mais concreta do processo de trabalho de que se ocupa o presente artigo.
- (2) Apenas esporadicamente considerados nos comentários da *KSA*. É de se esperar do volume de comentários da *KGW V/3*, em cuja preparação colaborei, uma análise valorativa mais minuciosa. Ele será publicado previsivelmente em 98/99.
- (3) Tratei desse contexto pormenorizadamente no ensaio “A Gaia Ciência. Entre filosofia dos espíritos livres e nova doutrina” (Na tradução, optou-se por filosofia dos espíritos livres para traduzir *Freigeisterei* – expressão cunhada a partir do termo nietzscheano *Freier Geist* (espírito livre), característico do assim chamado período intermediário de sua filosofia, usualmente delimitado pelos comentadores entre *HH* e *Za-NT*). In: *Nietzsche Studien* (26) 1997, p. 165-83.
- (4) Somente em *GC 341* ele anunciou o pensamento como experimento. Cf. a esse respeito meu ensaio: O instante colossal, in: *Nietzsche Studien* (18), 1989, p. 317-7.
- (5) N.T: Trata-se aqui (*Satz*) da composição tipográfica da folha matricial de impressão, que corresponderá às respectivas páginas definitivas do futuro livro.
- (6) O texto impresso contém apenas “uch” – o “B” não foi inserido. Este erro de impressão não está corrigido.
- (7) Nietzsche acrescentou manualmente em baixo, à direita, como mote, o poema *Der du mit dem Flammenspeere* (*Tu com a lança flamejante?*) ... e embaixo, à esquerda a datação „Gênova 1882“, que se tornou, no texto impresso “Gênova, Janeiro de 1882”.
- (8) A brochura 16 já contém a nova numeração dos aforismos, tornada necessária em razão da inserção por Nietzsche de 7 aforismos suplementares no final do terceiro livro. Poderia tratar-se, nesse caso, de um exemplar de revisão: a primitiva brochura 16 poderia ter sido ultimada aproximadamente no final de julho também. Essa hipótese se apóia nas seguintes considerações: Nietzsche houvera de ter solicitado exemplares de revisão das brochuras 13-16, para se certificar que a numeração dos aforismos desde o início do quarto livro tinha sido corrigida. Naturalmente, ele retornou essas

brochuras (provavelmente com correções adicionais) imediatamente à tipografia. Unicamente a brochura 16 permaneceu com ele, por circunstâncias não passíveis de reconstituição. Sobre isso, a correspondência não oferece, todavia, nenhuma elucidação. Trata-se, portanto, apenas de uma *suposição* (embora bem fundamentada).

- (9) Também nas páginas 129 e 139 do segundo exemplar incompleto da brochura 9 Nietzsche é consignado como destinatário.
- (10) Em duas passagens, o manuscrito contém anotações manuais de um terceiro punho, que indicam os lugares de encontro (*Fundorte*) dos textos suprimidos por Nietzsche nos volumes de póstumos da assim chamada *Edição em oitavo maior*: isso concerne aos (suprimidos) aforismos 268 (p. 194) e 336 (p. 242). A caligrafia e a paráfrase na página 194 permitem concluir por A. Seidl, que em 1898/99 atuava como editor no Arquivo-Nietzsche. Agradeço a Marie-Luise Haase, que me auxiliou na identificação das caligrafias de Gast e Seidl.
- (11) Nietzsche tomou muito a sério as propostas de correção e complementação de Gast. Raramente as rejeitou de todo. Quando não as retomava, ele se deixava incitar por elas a alterações próprias, nas quais fazia livre uso das de Gast.
- (12) No primeiro (completo) exemplar da brochura 9 deixa-se perceber que assim se tenha passado pelo menos em alguns casos, provavelmente, porém, em regra. Trata-se aqui de um exemplar corrigido por Gast, no qual Nietzsche anotou em seguida correções suplementares. Na primeira página dessa brochura (p. 129), Nietzsche anotou finalmente acima, à direita: “Pronto para impressão ! Friedrich Nietzsche”. Em regra, Nietzsche teria, depois disso, remetido as brochuras de volta para Teubner. Nesse caso, ele manifestamente não fez isso, presumivelmente porque ainda não estava satisfeito com o aforismo 107 (pp. 132 s.), com o qual havia de concluir o segundo livro. Nietzsche terá tido por base seu próprio exemplar de correção para ulterior reelaboração quando já tivesse efetuado alterações e adendos de maior envergadura e quando nenhum ou poucos erros de impressão tivessem que ser corrigidos.
- (13) Das brochuras 13-16, por causa da numeração alterada dos aforismos.
- (14) E. Biser ocupou-se com isso em vários trabalhos.
- (15) Na brochura 13, impressa anteriormente à ampliação por Nietzsche do encerramento do terceiro livro, esse aforismo trazia o número 278.
- (16) Em dois movimentos, cujos graus intermediários não considero aqui mais de perto.
- (17) A propósito, na reelaboração Nietzsche substituiu „Cristianismo“ por „Deus cristão“ (brochura 8, p. 120). Ele provavelmente se lembrava que Schopenhauer pudera recuperar para o Cristianismo facetas inteiramente positivas, todavia numa interpretação ateísta, isto é, prescindindo da representação cristã de Deus.
- (18) Cf. a respeito: *Wagner e Nietzsche. Estações de um encontro epocal.* ed. D. Borchmeyer e J. Salaquarda, Frankfurt am Main, 1994.